

CORREIO POLÍTICO

Bruno Peres/Agência Brasil

POR
RUDOLFO LAGO

Segundo a Nexus, Flávio parou de subir

Flávio Bolsonaro trava nos seus próprios erros

Na sua mesmice com relação aos números anteriores, a pesquisa BTG/Nexus divulgada nesta segunda-feira (27) traz um dado importante. A estagnação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) já aparecia em pesquisas anteriores. Agora, porém, a Nexus mostra também uma estagnação do principal opositor de Lula, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Os últimos levantamentos mostravam o filho 01 do ex-presidente Jair Bolsonaro num viés de subida. Flávio parou de subir. Se antes a estagnação de Lula e a subida de Flávio aconteciam mais pelos erros de Lula do que eventuais acertos de Flávio, agora parece acontecer o contrário: é Flávio quem erra. E o maior erro está na estratégia limitada do PL, que não amplia alianças.

Carlos quer “corrigir” apoios no PL

Na semana passada, o filho 02, Carlos Bolsonaro, postou nas suas redes sociais que quer “corrigir” os apoios àquelas que não declaram publicamente estar com Flávio Bolsonaro na disputa presidencial. De fato, esse apoio às vezes parece tímido. Mas pode ser improvável corrigi-lo com ameaças. Porque isso acontece justamente por conta da estratégia que limitou a possibilidade de alianças com outros partidos nos estados.

Instagram/@nikolasferreiraadm



Carlos começou a atacar Nikolas

Recados de Santa Catarina

A começar pelo próprio caso de Carlos que, ao se mudar para Santa Catarina, escanteou o senador Esperidião Amin (PP) que migrou para outra chapa e não fará campanha para Flávio Bolsonaro. Curioso que foi também de Santa Catarina que vieram recados para a governadora do DF, Celina Leão. O senador Jorge Seif (PL-SC) cobrou de Celina não ter “visto nenhuma postagem” nas redes dela de apoio a Flávio. A estreiteza nas alianças embute um outro receio do clã Bolsonaro: perder o protagonismo no comando da direita.

Daí, fogo amigo com Nikolas

É daí que parte o fogo amigo em Nikolas Ferreira (PL-MG). A possibilidade de que o deputado venha a crescer politicamente pela força que tem nas redes sociais parece incomodar fortemente Carlos Bolsonaro, especialmente. Carlos tem chamado Nikolas de “traidor” e o atacado com frequência. E Nikolas responde na mesma moeda, mantendo a tensão.

“Toupeira”

Nessa briga, Nikolas chegou a dizer que Carlos tem a “capacidade cognitiva de uma toupeira cega”. Celina entrou no alvo depois que disse, numa entrevista, que Flávio Bolsonaro deveria pedir “perdão” a Michelle Bolsonaro pelas brigas entre os dois. Michelle, diga-se, também, não morre de amores por Flávio.

Agressividade

No fundo, o comportamento agora do clã Bolsonaro um pouco replica o que fez Lula em outros momentos, quando tratou também de ofuscar qualquer arroubo na esquerda de alternativa política a ele. A diferença é que Lula sempre fez isso com maior sutileza. O clã, nessa tarefa, é muito mais agressivo.

Lula

Independentemente das chances que poderiam ter ou se era somente pretensão, nomes como Luiza Erundina, Eduardo Suplicy e Cristovam Buarque se viram no passado escanteados por Lula. O presidente só admitia que essa condução de eventuais sucessores acontecesse sob seu comando.

Dirceu

Em 2002, na sua primeira eleição como presidente, o plano de Lula era abrir o caminho para que seu sucessor fosse seu ministro da Casa Civil, José Dirceu. Mas o mensalão atrapalhou os planos. Dirceu acabou tendo o mandato cassado (juntamente com Roberto Jefferson) e terminou condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e preso.

Palocci

Após a reeleição de Lula, cogitou-se o nome do então ministro da Fazenda, Antonio Palocci. Mas Palocci acabou guindado também, agora pela Lava Jato. Partiu para um desastroso acordo de delação premiada, que acabou não sendo comprovado. Caiu em desgraça quando as condenações de Lula foram anuladas.

Pela direita

O resultado é que Lula não formou sucessores. Fez Dilma Rousseff. Que acabou sofrendo processo de impeachment. Agora, é o clã Bolsonaro quem tenta definir processo semelhante pela direita. Pode acabar pagando um preço alto. A vida nem sempre segue o roteiro que desejamos para ela.



Voto dos hoje indecisos é que definirá o resultado das eleições

Depois de Lula, Flávio também para de subir

Resultado presidencial dependerá de indecisos

Por Gabriela Gallo

A Pesquisa BTG/Nexus, divulgada nesta segunda-feira (27), aponta que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) apresenta uma vantagem não muito extensa em relação a seus demais adversários no primeiro turno, mas enfrenta empate técnico com seu principal adversário, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

Contudo, apesar de os dados não apresentarem grandes diferenças em relação a outras pesquisas, eles apontam para uma novidade: se levantamentos anteriores apontavam estagnação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, agora a BTG/Nexus indica que Flávio Bolsonaro também parou de subir.

A pesquisa entrevistou 2.028 eleitores, por telefone, entre os dias 24 e 26 de abril, e margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Em um cenário fictício de primeiro turno entre Lula, Flávio e os ex-governadores de Goiás e Minas Gerais Ronaldo Caiado (PSD) e Romeu Zema (Novo), Lula tem 41% das intenções de voto, Flávio tem 36%, Zema 4% e Caiado 3%.

Em outro cenário fictício de primeiro turno, dessa vez sem Zema, o petista segue com 41% das intenções de voto, mas as intenções de voto para o primogênito do clã Bolsonaro sobem um pouco (38%) e o Caiado conta

com 6% das intenções de votos.

Já em eventuais cenários de segundo turno, a disputa segue mais acirrada. Em um eventual segundo turno com Flávio Bolsonaro, Lula teria 46% das intenções de votos e Flávio Bolsonaro 45%, empate técnico.

Estagnação de Flávio

A novidade no levantamento deste mês é que Flávio Bolsonaro, que vinha registrando um constante crescimento de popularidade e intenção de votos nas últimas pesquisas, aparenta ter estagnado com seu eleitorado. Apesar de ser dentro da margem de erro, a pesquisa mostra uma queda de um ponto percentual de Flávio na simulação de segundo turno: tinha 46%, agora tem 45%.

Ao Correio da Manhã, o consultor de Análise Política da BMJ Consultores Associados Érico Oyama reiterou que a ascensão recente de Flávio Bolsonaro foi motivada “pelo fato de ele ter sido consolidado como pré-candidato representante do ex-presidente Jair Bolsonaro”, especialmente após a confirmação de que a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos) não disputarão o cargo.

“É natural que o crescimento nas intenções de votos tenha cessado, pois os resultados indicam que Flávio está perto de atingir o teto dos votos da direita”, avaliou Oyama.